

Cristiane Vizentin

**A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DIGITAL NA ESCOLA E NA SOCIEDADE E  
OS SEUS DIFERENTES CONCEITOS**

Monografia submetida ao Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Especialista em Educação na Cultura Digital.

Orientadora: Profa. MSc Andreia de Bem Machado

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo  
autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

Cristiane Vizentin

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DIGITAL NA ESCOLA E NA SOCIEDADE E  
OS SEUS DIFERENTES CONCEITOS

Esta Monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de  
“Especialista em Educação na Cultura Digital”, e aprovado(a) em sua forma final à  
obtenção do Grau de Especialista em Educação na Cultura Digital da Universidade  
Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 01 de agosto de 2016

---

Prof. Dr. Henrique César Silva  
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

---

Profa. Ms. Andréia de Bem Machado  
Orientadora Universidade Federal de Santa Catarina - USFC

---

Profa. Ms. Ana Paula Knaul  
Universidade Federal de Santa Catarina – USFC

---

Prof. Ms André Luiz França Batista  
Universidade Federal de Lavras – UFLA (Videoconferência)

Este trabalho é dedicado a minha família, minha mãe e minhas irmãs, pelo apoio em todas as etapas e as minhas colegas de especialização, pelas alegrias e frustrações compartilhadas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que ilumina meus passos e que nunca me desamparou.

Agradecer se torna mais fácil quando temos ao nosso lado pessoas que nos apoiam, nos incentivam e que não nos deixam desistir. Dessa forma, agradeço, em primeiro lugar, a minha família. Minha mãe, mulher guerreira, que mesmo sozinha e com todas as dificuldades enfrentadas, soube educar e mostrar os verdadeiros valores humanos para nós, suas três filhas. Minhas irmãs, que são exemplos na minha vida. Mulheres de coragem e determinação. Obrigada por sempre me mostrar o caminho do bem e por estar de mão dadas comigo em todos os momentos da minha vida.

À minha orientadora, Profa. MSc. Andréia de Bem Machado, que compartilhou comigo as suas ideias e conhecimento, pela sua competência profissional e minha gratidão por não medir esforços na mediação da apresentação desse trabalho e aos demais idealizadores, coordenadores e funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Não poderia deixar de agradecer as minhas colegas de Especialização, pelas atividades desenvolvidas, pela compreensão, pelas risadas, frustrações, ansiedades compartilhadas e por estarem comigo nesta caminhada. Muitas foram as horas de estudos, de risadas, de amparo, de força para não desistirmos. Compartilhamos momentos de alegrias e decepções, porém essa etapa final nos mostrou que valeu a pena essa trajetória.

*“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

A sociedade está passando por inúmeras transformações e estas, estão cada vez mais aceleradas. O atual momento vivido por todos nós, está sendo marcado pelos avanços da tecnologia, comunicação e as diversas transformações científicas. Isso tem provocado mudanças sociais, econômicas, culturais, mas, principalmente mudanças na comunidade educacional, escola e na prática docente. O acesso mais fácil a qualquer tipo de informação possibilita o desenvolvimento de algumas habilidades, tais como a curiosidade; tolerância; imediatismo; liberdade de expressão; autonomia na aprendizagem, entre outras. Dentro dessa perspectiva, a relação entre professores e alunos, assume um novo formato, que se estabelece pela interação entre os sujeitos, estruturas e tecnologias. Podemos perceber com isso que hoje temos conflito de gerações, entre os denominados “nativos digitais” e “imigrantes digitais”. O estudo realizado caracteriza-se como pesquisa bibliográfica por estarem fundamentados em materiais que foram publicados em livros, artigos científicos, publicações periódicas e materiais na Internet, tendo como base os temas: Letramento Digital, Alfabetização, Letramento e Tecnologia na Educação.

Palavras chave: Tecnologia. Educação. Letramento Digital.

## **ABSTRACT**

The company is undergoing many changes and these are increasingly accelerated. The present moment lived by all of us is being marked by advances in technology, communication and the various scientific transformations. This has caused social, economic, cultural changes, but mainly changes in the educational community, school and teaching practice. The easiest access to any kind of information enables the development of some skills such as curiosity; tolerance; immediacy; freedom of expression; autonomy in learning, among others. Within this perspective, the relationship between teachers and students, takes on a new format, which is established by the interaction between subjects, structures and technologies. We can see from this that we now have generation gap between the so-called "digital natives" and "digital immigrants". The study is characterized as literature because they are based on materials that have been published in books, papers, periodicals and materials on the Internet, based on the themes: Literacy Digital, Literacy, Literacy and Technology in Education.

Keywords: Technology. Education. Digital literacy.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

UCA – Um Computador por Aluno

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1	OBJETIVOS	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos Específicos	12
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>LETRAMENTOS DIGITAL</b>	<b>18</b>
4.1	INCLUSÃO DIGITAL	21
4.2	HIPERTEXTO DIGITAL	24
4.3	OS NOVOS DESAFIOS EDUCACIONAIS	27
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade está passando por inúmeras transformações e estas, estão cada vez mais aceleradas. O atual momento vivido por todos nós está sendo marcado pelos avanços da tecnologia, comunicação e as diversas transformações científicas. Isso tem provocado mudanças sociais, econômicas, culturais, mas, principalmente mudanças na comunidade educacional, escola e na prática docente.

A especialização em Educação na Cultura Digital nos proporcionou conhecermos novas ferramentas com o uso das TDIC para aprimorar o processo de ensino aprendizagem, um exemplo foi às narrativas digitais, que fazem com os alunos produzam suas próprias vivências e compartilhem suas experiências. A trajetória escolar, desde a educação infantil ao Ensino Superior, passou por várias transformações, no que diz respeito aos métodos de ensino. O aluno estando alfabetizado evoluía progressivamente nos estudos. Com o passar do tempo, não cabia mais ao sujeito ser apenas alfabetizado, agora ele precisa ser letrado, ou seja, não apenas conhecer os signos e símbolos de sua língua, mas saber interpretá-los compreendê-los e usá-los na sua vida social, política e histórica.

No final século XIX, segundo a autora Soares (2003), surge em 1986, um novo termo que envolve o convívio com práticas de leitura e escrita, o *Letramento Digital*, onde Freitas conceitua como

“O conjunto de competências necessárias para que o indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente”. (2010, p. 339).

Diante da perspectiva da inserção das TDIC nas salas de aula, a Educação passa a ter uma nova abordagem educativa, onde precisa deixar de lado (totalmente ou parcialmente) o contexto tradicional, onde éramos o único detentor do conhecimento, para explorar os novos aspectos da aprendizagem, onde para isso, torna-se necessário desenvolver novas habilidades para analisar os meios que, agora, estão à nossa disposição.

Mas antes de inserir e usufruir de todas as ferramentas proporcionadas pela a Cultura Digital e as Tecnologias digitais de informação e comunicação, nos oferecem,

é preciso saber quais conhecimentos e grau de domínio, tanto dos alunos quanto dos professores e comunidade escolar, tem sobre o assunto.

Quando falamos em novos aspectos, novas abordagens, o desafio é problematizar e investigar primeiro, nossa prática pedagógica, para conseqüentemente enriquecê-las a partir do planejamento, da ação concreta, da reflexão da ação docente, para contextualizar em sala de aula fazendo com que os alunos realmente de apropriem do conhecimento, para ajudar na sua formação integral.

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar, por meio de referencial bibliográfico, os conceitos e a importância do letramento digital nas escolas e na sociedade. O texto apresenta uma breve contextualização dos conceitos de Alfabetização e Letramento, que para Soares (2004, pág.36) a alfabetização é “[...] a ação de ensinar e aprender a ler e a escrever”, ao tempo que letramento “[...] é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Aborda sobre a Inclusão Digital que nos mostra a importância da sociedade ter acesso às TDIC, tanto na sua vida profissional, pessoal ou em qualquer outra atividade que se utilizem as tecnologias. As Possibilidades Educativas, apresentam a importância da escola estar preparada para trabalhar com novos recursos tecnológicos, apresentando em Novas práticas de Leitura e Escrita, os novos métodos de ler e escrever na não linearidade dos textos digitais. E apresenta as importantes discussões sobre os novos desafios enfrentados hoje pela escola e educadores.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar, por meio de referencial bibliográfico, os conceitos e a importância do letramento digital nas escolas e na sociedade.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar alguns conceitos de alfabetização e letramento;
- Apresentar alguns dos conceitos de Letramentos Digital;

- Diferenciar Letramento de Letramento Digital.
- Explanar os novos desafios da escola e dos educadores na era digital;

## 2 METODOLOGIA

Segundo Fogliatto (2007), a revisão de literatura, é uma metodologia que reúne ideias originárias de várias fontes, com o objetivo de construir uma nova teoria ou uma nova forma de apresentação para um tema já conhecido.

O estudo realizado caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, por estar fundamentado em materiais que foram publicados em livros, artigos científicos, publicações periódicas e materiais na Internet, tendo como base os temas: Letramento Digital, Alfabetização, Letramento e Tecnologia na Educação. Demo (2000) afirma que pesquisas de caráter bibliográfico são “pesquisas que podem conduzir à plena compreensão a respeito de determinado tema – sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas”.

Soares (2002, pág.24), aponta que o “letramento digital caracteriza certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e realizam práticas de leitura e escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no meio impresso”. Também segundo Soares (2002, pág. 26), “não é apenas a tela do computador que gera um novo tipo de letramento, mas todos os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura no mundo digital”.

Lakatos; Marconi (1991, p.183) aponta que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Para tanto, os estudos abordados no curso de Especialização na Educação da Cultura Digital tiveram um papel fundamental no processo de entendimento da importância das TDIC na vida contemporânea dos tempos atuais.

## 3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS

As instituições escolares estão desenvolvendo um papel importante no processo de alfabetização e letramento dos alunos. Com auxílio de recursos tradicionais como rádios, revistas, TV e agora na era da informática a computadores, internet, multimídias, tablets, celulares, a escola, sem dúvidas ajuda na concretização da cultura escrita. A aquisição do letramento alfabético se torna indispensável para quem quer se relacionar bem na sociedade, onde se valorizam a escrita.

Soares (2003) destaca que o sujeito alfabetizado seria aquele que adquiriu a tecnologia de escrita, reconhece os sinais gráficos de sua língua, porém ainda tem dificuldades na leitura, na escrita de textos que exijam maiores habilidades, como redações, dissertações, artigos, apenas escrevem apenas bilhetes, lista de compras, algo que não exija tanto da escrita e no domínio na decodificação dos códigos linguísticos. Podemos dizer que o sujeito alfabetizado não provou de todos os benefícios que as práticas socioculturais podem proporcionar, como por exemplo, escrever textos que defendam seu ponto de vista, com justificativas plausíveis; elaborar relatórios, interpretar textos de maior complexidade.

Segundo a mesma autora, sujeito letrado seria aquele que, além de saber ler e escrever tem domínio da tecnologia da escrita e da leitura, ele se apropria desse conhecimento, tendo a capacidade de fazer relações com as informações do texto, falado ou escrito, e vinculá-los à sua realidade seja social, política ou histórica. O Letramento permite a participação efetiva, na tomada de decisões, como cidadão, nos destinos da sociedade que vivemos.

“Aprender algo” é diferente de se “apropriar de algo”, ou seja, levando para a realidade da aprendizagem da leitura e da escrita, aprender a ler e escrever significa que o indivíduo detém a técnica de codificar e decodificar a língua escrita, enquanto que a apropriação significa que foram completamente internalizados os processos de leitura e escrita passando a ser próprio, assumindo-a, desta forma, como objeto de propriedade do indivíduo, pontua Magda Soares (2008).

Fazendo um paralelo, podemos dizer que na alfabetização aprendemos a ler e a escrever, identificamos nossos símbolos linguísticos e a utilizamos na produção de pequenos textos, na sua forma simplificada, ocorre um processo contínuo, com limites claros e pontos de progressão cumulativa com objetivos facilmente definidos. Enquanto que no letramento interagimos muito mais uns com os outros, ampliamos

nossos conhecimentos, produzimos diferentes tipos textuais, nos mais diversos gêneros textuais.

Na alfabetização, aponta Soares (2003), se espera que a aprendizagem chegue a um “produto final” que é reconhecido pela aquisição da leitura e da escrita e chegará a esse “produto final” depois que aprende a codificar e a decodificar a língua, atestando ou não a eficiência do processo de escolarização. Já no letramento, isso é percebido, também segundo a autora, como um processo permanente, pois através das várias situações do cotidiano, das interações sociais, políticas e históricas é que se compreende a aquisição do conhecimento e como essa aquisição é contínua, estamos sempre aprendendo

Outro ponto de distinção entre os processos é que

“A alfabetização está ligada a uma ideia de escolarização, onde se apresenta como uma prática formal de ensino, onde tem por finalidade a formação integral do aluno, porém esse processo está atribuído apenas à escola. Enquanto que o letramento assume uma postura mais ampla podendo ocorrer tanto dentro quanto fora do estabelecimento de ensino, pois se correlaciona aos aspectos sócio históricos de apropriação da escrita de uma sociedade. (SOARES, 2003,pág.35).

No que tange essa definição, podemos apontar que letramento escolar é aquele no qual as habilidades de leitura e escrita são desenvolvidas através da escola; enquanto que o social são aquelas aprendidas nas práticas e experiências do cotidiano dentro de situações comunicativas ocorridas, principalmente naquelas cidades de grande urbanização e desenvolvimento.”

Assim, Soares (2004,pág.80) reconhece que

“Alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos.”

Por outro lado, embora diferentes, alfabetização e letramento são interconectados e relacionados. Sendo assim, a alfabetização só tem sentido e significado quando essa é desenvolvida a no cenário de práticas sociais de leitura e de escrita e através dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode aprimorar-se com a



dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita”, reconhece Soares (2003).

## 4 LETRAMENTO DIGITAL

Soares (2003) considera que letramento designa do estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, portanto pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.

Recentemente, um elemento vem interferindo na temática de pesquisas sobre métodos e soluções, nos debates sobre educação: o uso das tecnologias em sala de aula e na sociedade.

Estamos inseridos em uma sociedade do conhecimento e de informação, isso é inegável. Porém precisamos refletir se, no meio dessa enxurrada de informações a que estamos expostos todos os dias, estamos nos apropriando desse conhecimento?

O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1990) traz a definição de informação como “ato ou efeito de informar; transmissão de notícias; comunicação”. Já a palavra conhecimento, segundo a mesma fonte, significa “ato ou efeito de conhecer; faculdade de conhecer; consciência da própria existência (...)”.

Com o avanço da tecnologia e a facilidade de acesso à informação, que são publicadas em grande velocidade, é importante destacar que estas estão disponíveis em todos os lugares, ruas, escolas, TV, rádios, jornais, diferente do acesso a informação como eram nos tempos passados, ou seja, o acesso era limitado a poucas pessoas e ainda de maneira estática. As pessoas precisavam ir atrás de informações. Hoje porém, temos disponível informações do mundo todo em questão de minutos. Sendo assim, podemos dizer que conhecimento é algo que vai além da informação, ou seja, é algo que envolve uma ação, pois se constrói conhecimento a partir de uma informação recebida.

Luckesi (1996), destaca que adquirir conhecimentos não é compreender a realidade retendo informação, mas utilizando-se desta para desvendar o novo e avançar, porque quanto mais competente for o entendimento do mundo, mais satisfatória será a ação do sujeito que a detém.

Lévy (1999) conceitua letramento digital como “um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.”

A não linearidade, a interação e a troca de informação entre alunos e professores estão cada vez mais presentes na vida escolar. Há muitas escolas que ainda mantêm o ensino tradicional, onde vêem seus alunos como um depósito de informação e o professor é o único detentor do conhecimento. Apesar do letramento digital, vir na contramão dessa ideologia, não basta apenas fazer a inserção das TDIC no ambiente escolar, é preciso que haja planejamento, formação, capacitação, pois o professor é que irá fazer a mediação do conhecimento teórico e o trazido pelos alunos e a simples troca de recurso, não é garantia de apropriação de conhecimento por meio das TDIC.

Uma nova forma de aprendizagem que é centrado no aluno é caracterizada por ser dinâmica, participativa, descentralizada, autônoma e que pautam na independência e necessidade dos interesses dos alunos que são os usuários principais das tecnologias, onde o papel do professor se torna muito importante, pois ele será o mediador, é ele que fará a interlocução entre no âmbito educacional sobre a inserção dos recursos tecnológicos em sala de aula.

Não podemos aqui julgar a respeito de qual técnica/processo é o certo ou errado. Precisamos é analisar os diferentes aspectos de cada uma, adequando-as as nossas necessidades e usufruir de suas potencialidades.

O acesso mais fácil a qualquer tipo de informação possibilita o desenvolvimento de algumas habilidades, tais como a curiosidade; tolerância; imediatismo; liberdade de expressão; autonomia na aprendizagem, entre outras. Com isso o professor também precisa repensar suas práticas pedagógicas, ou seja, não pode ser mais um mero repetidor de informações, se torna agora mediador, articulador do saber, um professor que sugere, não manda, mas acima de tudo ele precisa ser motivador na busca de informações.

Nessa perspectiva, a relação entre professores e alunos, assume um novo formato, que se estabelece pela interação entre os sujeitos, estruturas e tecnologias

Podemos perceber com isso que hoje temos conflito de gerações, entre os denominados “nativos digitais” e “imigrantes digitais”.

Prensky (2001) criador dessas denominações, mostra que os “nativos digitais” são aqueles jovens que já cresceram (ou estão crescendo) em um mundo dominado por videogames, computadores, internet, celulares, etc. São aqueles para quem a linguagem digital e a concepção de mundo por ela difundida parecem tão naturais quanto sua língua materna.

Também segundo Prensky (2001), os “imigrantes digitais” são os homens e mulheres que se assemelham aos imigrantes tradicionais que nunca chegam a dominar com perfeição a língua nativa dos países para que migram (sempre mantendo algum sotaque). Eles até podem ter recebido bem as inovações digitais, podem dominar e usar cotidianamente várias delas, mas nunca deixaram, de sofrer a influência de seu passado analógico.

Trata-se de um tempo de mudança acelerada, de desestruturação de conceitos, que até pouco tempo eram tidos como certos e absolutos, e reestruturação dos novos modelos educacionais. As TDIC transformam-se no núcleo central da atividade humana.

“Os educadores têm “em mãos” valiosos recursos tecnológicos, que facilitam o acesso às informações, trazendo grandes benefícios no processo de apropriação do conhecimento dos alunos. Mas é indispensável à participação compartilhada destes, para que a informação seja “transformada” em conhecimento a favor da Educação”, aponta Barbosa (2012).

Araújo e Glotz (2014) afirmam que é difícil preparar e formar um indivíduo em sua totalidade sem inserir no seu processo de ensino aprendizagem o uso das TDIC, pois estão lhe permitirão não só a compreensão, mas também a interação e a criação de novos conhecimentos.

O letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver uma multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, links e hiperlinks; Ele precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas pelos sistemas computacionais (AQUINO, 2003, p. 1-2).

Assim, para ser considerado um letrado digital, segundo Araújo e Glotz (2012), primeiramente é necessário que o sujeito seja letrado em relação ao seu idioma, ou seja, precisa ter domínio dos códigos de leitura e escrita para que possa ter condições de manusear as TDIC e explorar suas potencialidades que elas possuem.

É complicado para alguém que não tem domínio da leitura e escrita, ingressar no mundo digital, pois este, exige domínio dessas linguagens. As informações são dispostas em forma de hipertextos, que Kenski (2007) define como “sequência

em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinados assuntos”. Dessa forma, o usuário tem a possibilidade de acesso a vários assuntos que tenham, ou não, ligação com o texto principal.

Sem possuir a capacidade de atribuir as TDIC usos que vão além do comum (por exemplo, um celular serve hoje em dia não só para telefonar, como também o uso de um computador com acesso à internet vai muito além de simples recurso para digitar textos e enviar e-mails), não podemos dizer que alguém seja um letrado digital, ressaltam Araújo e Glotz (2012).

Estão disponíveis hoje muitos serviços que podem ser realizados por meio das TDIC, compras, viagens, pagamentos, atividades que podem ser feitas com comodidade e as vezes, muito mais rápidas do que os serviços oferecidos na modalidade presencial. Porém para o sujeito usufruir dessa modalidade tecnológica, ele precisa estar letrado digitalmente. “Pode-se dizer que o letramento digital, então, implica tanto a apropriação de uma tecnologia quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital”, cita Frade (2007)

Nesse enfoque, destaca Lévy (1999,pág.57),

“O letramento digital remete à capacidade do indivíduo de direcionar o uso das tecnologias da informação e comunicação em prol de seus objetivos pessoais, como membro ativo de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Não há letramento digital se o indivíduo não tem autonomia, criticidade e poder de reformulação e redirecionamento em relação ao uso que faz das TDIC em sua vida.”

#### 4.1 INCLUSÃO DIGITAL

Já não é de hoje que ouvimos falar em “inclusão digital”. O modismo do termo apresenta versões de inclusão digital muito bonitas e bem pautadas, no papel e no discurso, mas será que esta, realmente promove o efeito citado nesses discursos?

Segundo Rebêlo (2005, p. 1)

“Incluir digitalmente não é apenas “alfabetizar” a pessoa em informática, mas também melhorar os quadros sociais a partir do manuseio dos computadores. Como fazer isso? Não apenas ensinando o bê-á-bá do informatiquês, mas mostrando como ela pode ganhar dinheiro e melhorar de vida com ajuda daquele monstro de bits e bytes que de vez em quando trava.

Inclusão digital pode ser considerada a democratização do acesso às tecnologias que permite inserir o sujeito da sociedade na era da tecnologia, onde consiga exercer um papel ativo e interativo na sociedade, por meio do acesso da tecnologia em suas atividades profissionais, cotidianas, educacionais, culturais etc.

Para acontecer essa inclusão digital, precisa de três elementos básicos, esses são o computador, o acesso à rede e o domínio dessas ferramentas.

Mas, para que isso se torne uma realidade para a maioria da população brasileira, é necessário pensar em métodos de inclusão digital para serem ofertados à população de forma geral, uma vez que inclusão digital significa, antes de tudo, “melhorar as condições de vida de uma determinada região ou comunidade com ajuda da tecnologia” Rebêlo (2005, p. 1), que acrescenta ainda que “Não basta apenas disponibilizar o acesso aos recursos tecnológicos para a população, é necessário oferecer condições efetivas para que a população tenha condições de usabilidade e proveito desses recursos.”

O primeiro acesso as tecnologias, geralmente, acontece na escola, e nela estão tendo que ser repensados alguns elementos para a efetivação e melhor aproveitamento dos recursos que as TDIC proporcionam, desde a formação e capacitação dos gestores e professores, pois eles é que serão os interlocutores dessa implementação, a proposta pedagógica bem como a estrutura da escola.

É evidente que apenas os aparatos tecnológicos não garantem a melhora no aprendizado da educação, mas a mediação com esses recursos, podem garantir às escolas a possibilidade de oferecer uma educação de qualidade para todos.

Alguns programas do Governo Federal estão levando a tecnologia para dentro da sala de aula, como por exemplo, o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - Proinfo Integrado, o UCA – Um Computador por aluno, O Programa Banda larga nas escolas, o Projetor ProInfo, o que está possibilitando o acesso de uma grande maioria de estudantes às TDIC.

Mas para que haja efetivamente o inserção das TDIC e que delas os estudantes, professores e escola possam usufruir de todos e recursos e potencialidade que oferece, é preciso que Governo, Escola e comunidade escolar atuem de forma integrada desenvolvendo ações, onde cada uma faça sua parte, para que os alunos consigam explorar os recursos na sua totalidade.

No que compete aos governantes, estes precisam oferecer o suporte na parte de infraestrutura e capacitação, para ajudar no trabalho da equipe escolar. Assim, “a

escola consegue se concentrar seu esforço naquilo que realmente importa na Inclusão Digital, ou seja, capacitar seus alunos para integrar a tecnologia na sua vida e nos seus afazeres, desenvolvendo, com a ajuda da tecnologia, as competências necessárias para melhorar a qualidade de sua vida” ressalta Silva (2010).

E a Escola, por sua vez, precisa “aceitar” que as mudanças advindas com a tecnologias, estão para facilitar o trabalho e melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Em 2015 houve a implantação do Programa *Professor e Estudante Online* na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, que veio para facilitar e incluir professores gestores, pais e alunos na era digital. O programa pode ser acessado pelos pais para acompanhar a vida escolar de seus filhos. Os professores podem agendar provas e trabalhos, digitar notas e frequência e essas informações ficam disponíveis para acesso dos pais e aluno, e também para a gestão escolar que pode acompanhar o trabalho do docente.

As mudanças são acompanhadas de medos e inseguranças, pois sai da nossa zona de conforto. A implementação desse programa levou para dentro das escolas muitas discussões acerca do assunto, onde a principal dele foi a internet nas escolas, que não é o suficiente (cerca de 2.0 Giga Bytes são disponibilizada pelo Governo, onde algumas escolas, aumentaram a capacidade, pagando com os recursos próprios) e a falta de capacitação para os professores, que tiveram que buscar orientações fora da área escolar.

Os cursos de capacitação, a formação inicial e continuada seriam um dos primeiros passos das mudanças, principalmente na opinião de docentes que tem aversão as TDIC. Sem uma reformulação na grade curricular, nas propostas pedagógicas, na estrutura física das instituições as escolas, infelizmente, não irão conseguir apresentar efetivas inclusões digitais.

Os professores sem essa formação inicial, sentem-se impotentes em relação à utilização das TDIC em suas atividades por, simplesmente, desconhecerem as formas concretas de incorporá-las à sua prática, bem como as reais potencialidades que elas oferecem e é esse desconhecimento que leva a essa resistência ao uso das TDIC na educação.

#### 4.2 HIPERTEXTO DIGITAL

Com os avanços da vida moderna têm-se a necessidade da sociedade conhecer e aprender a usar os recursos tecnológicos, principalmente computadores e celulares com acesso à internet, que modificaram as formas de interação e comunicação, onde cada vez mais oferecem ferramentas para a produção da escrita, onde podemos citar as redes sociais e aplicativos de mensagens (*facebook, whatsApp, twitter, snapchat, entre outros*).

A internet permitiu novas práticas de leitura e escrita. O ambiente virtual remodelou essas práticas, que antes eram feitas apenas no papel. Nessa nova abordagem, os textos adquirem cada vez mais novas configurações na modalidade escrita da linguagem.

Moraes (2007) aponta que a composição textual está cada vez mais calcada na mescla da escrita e a imagem, estando tais elementos fazendo parte de uma relação quase que indissociável. Essa junção advém da propagação tecnológica, que tem deflagrado, nos últimos anos, uma intensa adesão ao plano visual. Esse contexto marcado pela difusão tecnológica tem carreado a efervescência de novos formatos textuais. O texto assume, hoje, a condição de multimodal. O que tem facultado a promoção de novas formas e maneiras de ler.

Os textos multimodais, apresentam mesclas de palavras, sons e imagens em um mesmo texto. Dionísio (2007, p. 178) define:

“O texto multimodal como um processo de construção textual ancorado na mobilização de distintos modos de representação. Isso remete não apenas aos textos escritos, mas também aos orais. Diante dessa acepção, a multimodalidade discursiva abarca não só a linguagem verbal escrita, como também outros registros, tais como: a linguagem oral e gestual.”

De acordo com Marcuschi (2001, p. 83) o hipertexto “consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares”, assim as leituras não serão necessariamente as mesmas, pois cada leitor fará as escolhas e poderá percorrer caminhos diferentes, num mesmo hipertexto. E é essa, umas das principais características do hipertexto, a não linearidade da leitura e o que o difere dos textos tradicionais, por exemplo em livros, revistas, jornais, entre outros periódicos que estávamos costumados a ler

Marcuschi (2001, p.86) menciona

menciona que essa escritura eletrônica não-sequencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de



outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real; permite ao leitor definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita.

Porém é preciso ter cuidado com essa “não linearidade”, pois é fácil nos distrairmos com tantas informações e links disponíveis num mesmo texto. Nesse sentido, Xavier (2005, p. 173) defende que “o uso inadequado dos links pode dificultar a leitura por quebrar, quando visitadas indiscriminadamente, as isotopias que garantiriam a continuidade do fluxo semântico responsável pela coerência, tal como ocorre em uma leitura de texto convencional”.

Para Chartier

“a leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um Web site), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.” (2002, p. 23)

Por isso, exige que o leitor tenha consciência e um conhecimento prévio sobre o assunto, pois ao fazer as interação no hipertexto, se não tiver coerência na pesquisa, acaba se envolvendo com todas as informações disponibilizadas no nele e pode perder o foco e o objetivo da leitura.

Para Marcuschi (2001), o hipertexto é um gênero de programas computacionais que possibilitam desenvolver seqüências textuais, colaborando para o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica.

Segundo Álvares (2001) o hipertexto chega muito perto de reproduzir os nossos esquemas mentais. A capacidade interativa e multissensorial oferecida pela multimídia nos permite dar à informação e a outros materiais de aprendizagem, uma estrutura e organização semelhantes às adotadas pela mente humana quando se pensa ou se raciocina. (...) uma ideia remete se a outras com as que tem alguma relação.

“Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso esquema mental, ou seja, assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em

páginas, mas em dimensões superpostas que podemos compor e recompor a cada leitura.” (RAMAL 2002, apud SOARES 2002 p. 84).

Araújo (2008) diz que se compararmos o encadeamento das informações quando as processamos em nosso cérebro, percebemos que igualmente esse encadeamento ocorre com as informações que interagimos no computador. “Pulamos” de uma informação para outra com um click, acessamos uma ou inúmeras informações que se interligam e se completam, analisamos e deferimos essas informações conforme desejamos. Também destaca que nenhuma dessas habilidades é nova quando elas são uma reprodução das possibilidades que nossos esquemas mentais dispõem para processamento das informações, assim, o hipertexto conquistou um lugar de destaque uma vez que se tornou um instrumento mediador de informação mais “perfeito”.

“O hipertexto altera fundamentalmente nossa noção de textualidade, pois se constitui num texto plural, sem centro discursivo, sem margens, sendo produzido por um ou vários autores e, como texto eletrônico, está sempre mudando e recomeçando, de forma associativa, cumulativa, multilinear e instável.” (DIAS, 2004, p.5)

A textualidade no hipertexto, se configura de maneira mais expressiva, pois nele o espaço de escrita é outro, constituindo um texto que vai além do formato tradicional de leitura e escrita linear. Os recursos multimídias e a flexibilidade de interação tornam o texto um conjunto de significantes, ressalta Araújo (2008).

Com o hipertexto, se reconfigura a própria noção de autoria, uma vez que a leitura torna-se simultaneamente uma escritura. Construído a partir de infinitas possibilidades, o hipertexto reconstitui a relação entre autor e leitor, onde ao navegar pelos hipertextos se torna coautor pois consegue intervir nos caminhos que o texto apresenta.

Esse caminhos percorridos e espaços explorados se tornam cenários muito atrativos, podendo articular imagens, palavras e sons. Esses componentes e suas combinações recriam o texto e as condições da oralidade, de modo que a palavra escrita se torna imersa na composição ilustrativa, onde imagens e sons “falam”, destaca Araújo (2008).

### 4.3 OS NOVOS DESAFIOS EDUCACIONAIS

A internet facilitou o acesso e a busca de informações, uma enxurrada de dados é rapidamente disponibilizada, com apenas um clique o internauta pode navegar por bibliotecas digitais, museus, e-books, jornais e revistas eletrônicas, entre outros recursos disponibilizados gratuitamente e que podem se transformar em fortes aliados no processo de ensino-aprendizagem.

Mas sabemos que a internet trouxe também alguns entraves à educação.

O desafio do educador hoje é desenvolver/reformular suas estratégias metodológicas para serem capazes de motivar os alunos, tão entusiasmados com a comunicação eletrônica, via computador, celular, tablets, smartphones, etc.

Xavier (2002) apresenta a “enunciação digital” como a comunicação mediada por computador que utiliza uma linguagem que apresenta muitos aspectos típicos da fala, produção de enunciados mais curtos, uso de cumprimentos informais, alongamentos vocálicos sinais de verificação dos interlocutores e que resulta, em uma forma linguística específica dentro desse contexto. Essa comunicação podemos chamar também de *Internetês*.

“Ela é escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais.” (SOUZA, 2001, p. 33)

Alguns autores como Fonseca e Silva (2006), Freitang (2006), Possenti (2006), afirmam que esse tipo de linguagem nada mais é que um “código secreto de uma comunidade jovem e moderna, com características que já aconteceram na norma padrão” e ainda na linha de pensamento destes mesmos autores, os internautas, por utilizar um suporte especial (computador), acabam criando escritas especiais, escrevendo, então, de duas maneiras - padrão e *internetês*, demonstrando, desenvolvendo assim maiores competências, conseguindo se inter-relacionar com

outras pessoas, em vários lugares do mundo, por haver igualdade no que tange a comunicação tecnológica, por meio de símbolos e grafias específicas do meio.

Em contra partida, alguns autores como Martins (2006) e Nogueira (2007), acreditam que o *internetês* é prejudicial ao ensino da disciplina da Língua Portuguesa, pois ressaltam que o aprendizado da escrita está vinculado à memória visual. “Se há o inventar de diferentes grafias, muitos jovens, ainda em formação, tenderão à dúvida, além da instalação de irreversíveis vícios em relação à ortografia”, aponta Magnabosco (2009).

Escrever fazendo uso de abreviaturas tornou-se um hábito tão corriqueiro que, não é raro encontrarmos nos trabalhos escolares, escritas, indiferente da disciplina, palavras, ou melhor, abreviações como: *qdo*(quando), *tbm*(também), *abs*(abraços), pois os alunos estão tão acostumados a fazer uso dessa linguagem que, sem perceber, estão utilizando-a na escrita que deveria ser formal.

Silva (2009 p. 5) destaca que

“É preciso preparar o aluno para uma “educação na era digital”, motivando-o a entender que a escola está inserida no contexto da tecnologia, aperfeiçoando o grau de letramento dos educandos, sobretudo, o letramento digital. Não adianta a escola se opor, criticar ou tratar de modo indiferente a linguagem informal utilizada pelos alunos na Internet. É preciso mostrar a importância utilizar a linguagem adequada à situação comunicativa, adequando um registro formal ao contexto de formalidade, ou um registro informal a uma situação mais espontânea de comunicação. Desse modo, desenvolver e ampliar, nos alunos, competências para o letramento digital revelam-se como pré-requisitos para a escola participar ativamente da cibercultura, como instituição responsável pela promoção da cidadania a partir das práticas de linguagem, como a leitura e produção de textos.”

Outro entrave que nasceu com a era digital, principalmente com a internet: cibercrimes, que são os crimes cibernéticos que envolvam qualquer atividade ou prática ilícita na rede e o cyberbullying, que segundo Oliveira (2009) é “violência praticada contra alguém através da internet ou de outras tecnologias relacionadas, usando o espaço virtual para intimidar e hostilizar uma pessoa, colega de escola, professores, ou mesmo desconhecidos, difamando, insultando ou atacando covardemente”.

É necessário orientá-los para não cair nessas armadilhas, para não se tornem vítimas desse tipo de crime. É fundamental orientar e supervisionar para usar a internet de forma consciente e essa ação precisa ser mediada tanto pela família quanto pela escola.

Reforça-se com isso a questão da formação dos docentes, sendo essa fundamental para auxiliar na compreensão na real importância da integração das TDIC em sua prática pedagógica e fazer os apontamentos de forma correta e concreta em relação a elas, principalmente no que tange a orientação no acesso à internet.

Como já citado, a introdução das TDIC no ambiente escolar podem contribuir para a melhoria das condições de acesso à informação, agilizando a comunicação entre professores e alunos e escola e família.

Quando se fala na introdução dos recursos tecnológicos em sala de aula, isso não se limita apenas utilização do computador ou outro equipamento. Implica também na formação do docente.

“A utilização desses recursos tecnológicos sem o devido preparo do docente para a sua introdução na prática diária das escolas veio ocorrer um choque cultural e uma resistência por parte dos docentes em sua aplicação, ocorrendo assim, o aceleramento da crise de identidade dos professores” (FREITAS e LIMA, 2009 p. 3).

Para Esteve (1999) “a situação dos professores diante das mudanças que ocorrem na escola é comparável a um grupo de atores que trajam as vestimentas de determinado tempo e que, sem nenhum aviso anterior mudam-lhes os cenários e as falas”. Segundo Freitas (2009) quando Esteve (1999) apresenta essa mudança repentina no cenário desse grupo de atores que precisa mudar toda sua apresentação sem um aviso prévio e sem a devida preparação, é o que podemos comparar com a inserção das TDIC no ambiente escolar, onde, mesmo antes da formação e capacitação dos docentes, é imposto a utilização nas suas práticas pedagógicas.

A renovação na prática docente pode ser constatada, não pelo uso puro e simples desses recursos tecnológicos em seu cotidiano, mas, a partir do momento em que esses equipamentos modifiquem de forma significativa o olhar do professor diante de sua prática, suas concepções de educação, seus modelos de ensino-aprendizagem. [...] “o professor é responsável pela modelação da prática, mas está é a intersecção de diferentes contextos”. (SACRISTÁN, apus FREITAS e LIMA. 2009, p. 2).

O professor, diferente do que muitos imaginam, é o elemento principal de uma sociedade tecnológica, assume o papel de mediador da aprendizagem e é, sem dúvida, um dos protagonistas dessa história. É importante salientar que essa mediação requer algumas habilidades e conhecimentos específicos, onde o professor

tenha plenas condições para desenvolver sua prática de forma que cumpra as exigências apresentadas por esse novo conceito de educação mediada pelas TDIC.

## 5 CONCLUSÃO

É inegável que as TDIC estão presentes na nossa vida, as informações estão disponíveis a qualquer momento e de fácil acesso. Nossa rotina foi alterada na medida em que as tecnologias afetaram nossas atividades cotidianas e estas se tornaram mais cômodas e ágeis. Quando imaginaríamos comprar e vender, conversar com pessoas, conhecer pessoas, estudar, entre outras tantas possibilidades que os recursos tecnológicos nos oferecem. Com apenas um clique podemos conhecer paisagens, lugares, museus, parques, navegar entre espaços que antes eram possíveis apenas conhecer fisicamente. Hoje podemos ter acesso a qualquer informação, seja ela do nosso país, ou de qualquer outro, quase que instantaneamente.

Os crescentes avanços das tecnologias demandam de novas competências de leitura e escrita, novas habilidades e conhecimentos específicos para que se possa usufruir de todas as potencialidades que ela oferece. Na era da informação, o domínio tecnologias, se torna elemento indispensável para aqueles que desejam participar ativamente na era digital.

O primeiro contato que muitos sujeitos têm com as TDIC ainda acontece na escola. É lá que dão os primeiros passos para a inclusão tecnológica. Porém, infelizmente muitas escolas, professores e gestores, não estão devidamente preparados para utilizar as tecnologias como recurso pedagógico. Mas há também um elevado número de sujeitos que já dominam a tecnologia, por faz parte do seu cotidiano.

O que se percebe nas escolas é um conflito de gerações, onde “nativos digitais” – estudantes, e o “imigrantes digitais” – educadores, se vêem frente as tecnologias onde olham de formas diferentes a elas devido ao conhecimento ou o não conhecimento que tem sobre as mesmas.

A escola não pode desconsiderar o conhecimento trazido pelos estudantes, pois esses participam ativamente desse processo. O importante é a escola usufruir desse conhecimento para somar no processo de ensino e inserir as TDIC de forma gradativa, tanto para professores quanto para os estudantes, a fim de não causar desconfortos, pois ainda esses recursos não acessíveis à maioria da população.

Não basta apenas ter acesso ao computador dentro ou fora da escola, mas é preciso planejar o uso crítico e eficaz dos recursos tecnológicos, visando à autonomia

e à cidadania dos sujeitos. Freire (2002) aponta que “educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”. Dessa forma, a escola deve não pode desconsiderar os impactos das TDIC no processo de ensino aprendizagem, é preciso mostrar os benefícios que ela proporciona principalmente na formação de sujeitos críticos que saibam utilizar a tecnologia a serviço da transformação social.

O educador deve fazer uso do conhecimento do mundo do educando que possui relação com a língua escrita, assim ele poderá alfabetizar letrando. A aquisição do letramento alfabético, é indispensável aqueles que querem viver bem nas sociedades que super valorizam a escrita. Alfabetizar se faz letrando. Letramento é a capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer com informações fora do texto falado e escrito, e vivenciá-las à sua realidade histórica, social e política é características de um indivíduo plenamente letrado. (UNAÍ, 2008 p. 5).

Dentro dessa perspectiva, o letramento digital surge como uma necessidade para o desempenho dos educadores, onde precisam formar educandos a viverem como cidadãos neste novo milênio, cercado pela tecnologia.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E.B. PRADO M. E. B. Brito. - **Desafios e possibilidades da integração de tecnologias ao currículo1** – Disponível em [http://decampinasoeste.edunet.sp.gov.br/tics/Material%20de%20Apoio/Coletania/unidade4/Desafios\\_e\\_possibilidades.pdf](http://decampinasoeste.edunet.sp.gov.br/tics/Material%20de%20Apoio/Coletania/unidade4/Desafios_e_possibilidades.pdf). Acesso em 10 jun. 2016.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. **Educação, ambientes virtuais e interatividade**. In: SILVA, Marcos (Org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. **Tecnologias e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

ÁLVARES, Octávio H. **O texto eletrônico: um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

AQUINO, Renata. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. Disponível em: <http://portal.webaula.com.br/noticia.aspx?sm=noticias&codnoticia=417>. Acesso em 3 ago. 2016.

ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. **Letramentos na web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. **Letramento Digital: Conceitos E Pré-Conceitos**. Disponível em <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Rosana-Sarita-Araujo.pdf>. Acesso em 15 jun 2016

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUZATO, Marcelo E. K. Letramento digital abre portas para o conhecimento. EducaRede. Entrevista por Olivia Rangel Joffily. 23/01/2003. CARMO, Josué G. Botura. O letramento digital e a inclusão social. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/educacao/josue/>. Acesso em: 17 de mai 2016.

CHARTIER, R. **Língua e leitura no mundo digital**. In: \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Edunesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Contribuições das TDIC ao Desenvolvimento do Currículo**. Disponível em [http://e-Proinfo.mec.gov.br/eprinfo/storage/modulos/384/63138/nucleo\\_de\\_base\\_2/pagina-9.html](http://e-Proinfo.mec.gov.br/eprinfo/storage/modulos/384/63138/nucleo_de_base_2/pagina-9.html). Acesso em 04 mai. 2016.

COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa: **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte, Autêntica: 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípios científicos e educativos**. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.

DIAS, Maria Helena P. **Hipertexto: outra dimensão para o texto, outro olhar para a educação**. Disponível em <http://27reuniao.anped.org.br/gt16/t168.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2016.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA Maria Auxiliadora; MACHADO Anna Rachel – Organizadores. **Gêneros textuais e ensino organizadores**. - 5.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 232p

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FOGLIATTO, F. **Organização de textos científicos**, 2007. Disponível em: [http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/146\\_seminario\\_de\\_pesquisa\\_2\\_dir\\_ettrizes](http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/146_seminario_de_pesquisa_2_dir_ettrizes). Acesso em: 15 ago. 2016.

FONSECA, Magda de Carvalho. **Letramento Digital: uma possibilidade de inclusão social através da utilização de software livre e da educação a distância**. Trabalho de Conclusão de Pós-graduação lato sensu da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal de Lavras. 2005. Disponível em: <http://www.qinux.ufla.br/files/mono-MagnaFonseca.pdf> Acesso: 17 jun. 2016.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Santa Maria, 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso: 17 jun. 2016.

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREITAS, Maria Teresa de A. e COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**. 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREITAS, Renival Vieira de; LIMA, Magneide S. Santos. **As Novas Tecnologias Na Educação: Desafios Atuais Para A Prática Docente**. Disponível <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/AS-NOVAS-TECNOLOGIAS-NA-EDUCACAO-DESAFIOS-ATUAIS-PARA-A-PRATICA-DOCENTE.pdf> Acesso em 04 ago. 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

KLEIMAN, Ângela B.(Org.). **Os significados do letramento**. 1ª edição, Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LUCKESI, C. C. e PASSOS, E.S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. **Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?** – 2009. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/%20conjectura/article/viewFile/14/13> Acesso em 09 jul. 2016.

MORAES, Maria Cândida. **Educação a distância: fundamentos e práticas**. Campinas, SP: Unicamp/ Nied, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula**. In: \_\_\_\_\_. Linguagem e Ensino, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V.. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001.

MOREIRA, Carla. **Letramento Digital: do Conceito À Prática**. Disponível em [http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_051.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_051.pdf) Acesso em: 19 de mai. 2016.

NICOLACI, Ana Maria Costa da. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. 1ª edição, São Paulo: 2006.

OLIVEIRA João Ferreira de; DOURADO, Luiz Fernandes. **A Qualidade Da Educação: Perspectivas e Desafios**. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n78/v29n78a04.pdf> Acesso em 04 ago. 2016.

PRENSKY Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf> Acesso em 04 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

REBÊLO, Paulo. **Inclusão digital: o que é e a quem se destina?** Reportagem publicada em 12 maio 2005. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/print.php?id=2443> . Acesso em 05 ago. 2016

SILVA, Patrícia Pinto da. **Letramento Digital: o uso do computador como Possibilidade pedagógica e necessidade social.** Disponível em [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE\\_918.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_918.pdf). Acesso 04 mai 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** ed. 6. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semagdasoares.doc.ht> Acesso em 14 jun 2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital.** Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

SOUZA, Gláucia. **Ferramentas disponíveis na web que desafiam o desenvolvimento da comunicação.** Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletina2005/nfa/tetx4.ht> . Acesso em 18 jun. 2016.

TFOUNI, Leda V. **Alfabetização e Letramento.** 2ª edição, São Paulo: Cortez, 1999.

UNAÍ. **Letramento Digital e Ensino,** 2008. Disponível em <http://alziradayrell.blogspot.com.br/2008/12/letramento-digital-e-ensino.html>. Acesso em 03 de ago de 2016.

VALENTE, José Armando. **Informática na educação: conformar ou transformar a escola.** Florianópolis, UFSC/CED, NUP.

XAVIER, Antonio C. dos Santos. **Letramento Digital e Ensino.** Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em 17 de jun 2016.